
A língua portuguesa e a UE alargada



J. Chrys Chrystello

27 abril 2003

Dizem as estatísticas que Portugal não está preocupado com a expansão da UE, e os poucos que se pronunciam queixam-se da perda de subsídios que daí pode advir. Ainda ninguém perguntou que vantagem haverá para a língua e cultura portuguesas, provavelmente, fruto da falta duma política nacional da língua.

A capacidade que temos em adicionar aritmeticamente os habitantes dos **PALOP's não se traduz numa política de** edição de traduções de consagradores autores para os leitores ávidos dos novos estados membros da UE, talvez por desconhecermos a cultura e hábitos de leitura desses povos. Para preservarmos a nossa versão da língua portuguesa é preciso mantê-la viva, e esta é uma oportunidade ímpar de atrair leitores para as nossas obras. Mais tarde viriam os que prefeririam ler as obras na sua língua original, bem fácil aliás de aprender para todos os falantes de línguas eslavas...

[Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para-governamentais tem de haver iniciativas dos setoressetores privados para criar a necessidade da língua portuguesa. Existe uma potencialidade enorme nesses novos mercados de produtos portugueses, que terão de ser traduzidos pelo que prevejo o aparecimento de novas necessidades nos campos de tradução, incapazes de serem satisfeitos por meros aparelhos mecânicos de tradução consabidas as suas limitações.]

Como catapultar a língua e os livros portugueses da sua semi-obscuridade para um cenário de ribalta? Quem se lembrou já de incluir roteiros turísticos literários a locais celebrizados pelos monstros sagrados da literatura dos séculos XIX e XX? Alguns constam já dos vulgares roteiros paisagísticos, havia apenas que organizar a leitura de livros desses autores, e a divulgação de novos escritores nesses locais, *[um pouco como foi feito em abrilAbril 2003 com a atribuição do prémio Camilo Castelo Branco a Mega Ferreira]*. Disponibilizavam-se traduções já existentes ou faziam-se reedições *(económicas e sem grandes luxos)* para os milhares de turistas desses novos países que quererão vir a Portugal. Lucravam o país, os editores, os operadores turísticos e a língua.

Podíamos começar com o José Saramago e um roteiro às suas terras de origem acompanhado de leitura de obras suas, disponibilizadas em línguas dos novos países aderentes UE, **passando por locais evocados em "A Cidade e as Serras" e tantos** outras paisagens dos Açores de Nemésio, à Brasileira de Pessoa ou à Monsanto de Fernando Namora.

Convidavam-se professores jubilados que amam a Língua Portuguesa para falarem das mil e uma nuances de cada autor, pedia-se a cada um dos autores ainda vivos que disponibilizasse um dia do calendário para falar da sua obra ou lê-la num cenário apropriado. Estou certo de que a organização de tais eventos custaria menos do que muitas das funções oficiais já agendadas.

A Europa alargada aí está, iremos continuar de costas voltadas com a nossa desculpa atlântica ou vamos descobrir novos mundos? Não precisamos de subsídios, tão só de vontade para esta revolução que continua por fazer, não precisamos de comissários mas apenas de pessoas que amem a língua e cultura e que a achem sua.

Chrys Chrystello

. Ao longo de 35 anos de jornalismo político, em rádio, televisão e imprensa escrita, correspondente estrangeiro durante décadas da agência noticiosa portuguesa ANOP/LUSA, da RDP, Rádio Comercial, TDM (Macau), J. N., Europeu, PÚBLICO, etc., tendo sido publicado em todo o mundo, para além de ter escrito guiões de filmes e documentários australianos sobre Timor entre 1976 e 1994, esforçou-se por divulgar a saga do povo timorense que o mundo (incluindo a Austrália e Portugal) teimava em não querer ver.

Noutra área, tendo-se interessado pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos/dialectos em Timor, descobriu na Austrália provas da chegada ali dos Portugueses (1521-1525) mais de 250 anos antes do capitão Cook, e da existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (herdado quatro séculos antes).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators and Interpreters) e Examinador da NAATI (National Authority for the Accreditation of Translators and Interpreters) desde os anos 80, e pertencendo a vários órgãos internacionais congéneres, Chrys dedicou as últimas décadas à sociolinguística e tradução, tendo apresentado trabalhos em dezenas de conferências internacionais (da Austrália a Portugal, Espanha, Brasil, e Canadá) onde os temas da língua e cultura portuguesas estão quase sempre presentes, para além de lecionar/leccionar na Austrália Português para futuros tradutores e intérpretes.

Em 1999, publicou o ensaio político (versão portuguesa) Dossier Timor Leste 1973-1975 cuja primeira edição esgotou ao fim de 3 dias. Mais tarde publicou a monografia Crónicas Austrais 1976-1996. Atualmente/Atualmente continua a ser Assessor de Literatura (Portuguesa) no Australia Council, UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney) e organiza o Colóquio Anual da Lusofonia da SLP – Sociedade de Língua Portuguesa.